

CARLOS Gomes revivido na apresentação do Guarani. Diário do Povo,  
Campinas, 18 mar. 1970.

# Carlos Gomes revivido na apresentação do Guarani

## ATO I: Ceci & Peri

Assim é a descrição do primeiro ato da ópera "O Guarani":

Tudo se passa em fins do século XVI, num castelo colonial próximo ao Rio Paquequer, onde mora o fidalgo português D. Antonio de Mariz, que chefia sua família, de que faz parte a jovem Cecília, mais um pequeno núcleo de colonizadores brancos. O Castelo era seguidamente atacado pelos ferozes índios Aimorés, razão por que D. Antonio tinha também ao seu serviço, e em defesa do castelo, aventureiros de várias procedências e de dotes morais discutíveis, como é o caso dos espanhóis Gonzales, Rui Bento e Alonso.

Certo dia, D. Antonio comunica a um grupo de caçadores que regressam ao castelo, que, por terrível casualidade, uma índia aimoré fôra ferida à bala por um de seus comandados, e os índios resolveram vingar-se em Cecília, a filha de D. Antônio, que, porém, fôra salva da fúria aimoré graças ao destemor de um jovem índio guarani, fiel aos portugueses. Entre os caçadores recém-chegados, e que ouvem o relato de D. Antônio, está D. Álvaro, pretendente à mão de Cecília, que fica apreensivo com o que ouve. Todos desejam logo conhecer o índio Salvador, que aparece altivo, dizendo-se filho de um cacique Guarani, mas fiel aos portugueses.

A seguir, ouve-se a voz de Cecília, fresca e juvenil que se aproxima e desperta "sentimentos recônditos" em D. Álvaro, e já agora também no aventureiro Gonzales. D. Antônio diz à Cecília como deseja casá-la com D. Álvaro, o que a faz empalidecer, ao mesmo tempo de contrariedade e submissão.

Soam as Ave Marias. A família toda, mais os agregados, reúnem-se na esplanada externa do castelo para rezar, pedindo proteção contra possível novo ataque dos aimorés. Terminada a oração, todos entram, menos Cecília e Peri, entre os quais se desenrola bela cena lírica, com mútuas confissões de amor total, e despeito das diversidades de raça, berço e religião. Cecília entrega-se à proteção de Peri, e este se afasta jurando-lhe dedicação eterna".

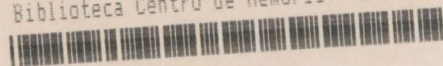
## ATO II: O rapto

Os aventureiros, liderados por Gonzales, planejam tomar o castelo e trucidar D. Antonio, e seus partidários, entre os quais está D. Álvaro, o pretendente "oficial" à mão de Cecília: esta seria preservada, a bem das aspirações de Gonzales por ela. Peri ouve tudo, tomando assim conhecimento do plano. Os aventureiros estão, à noite, reunidos no seu alojamento, bebendo e cantando alegremente, para não despertar suspeitas. Ao soar das doze badaladas da meia noite, dispersam-se, ficando combinado que um tiro da pistola de Gonzales será o sinal para a tomada do castelo.

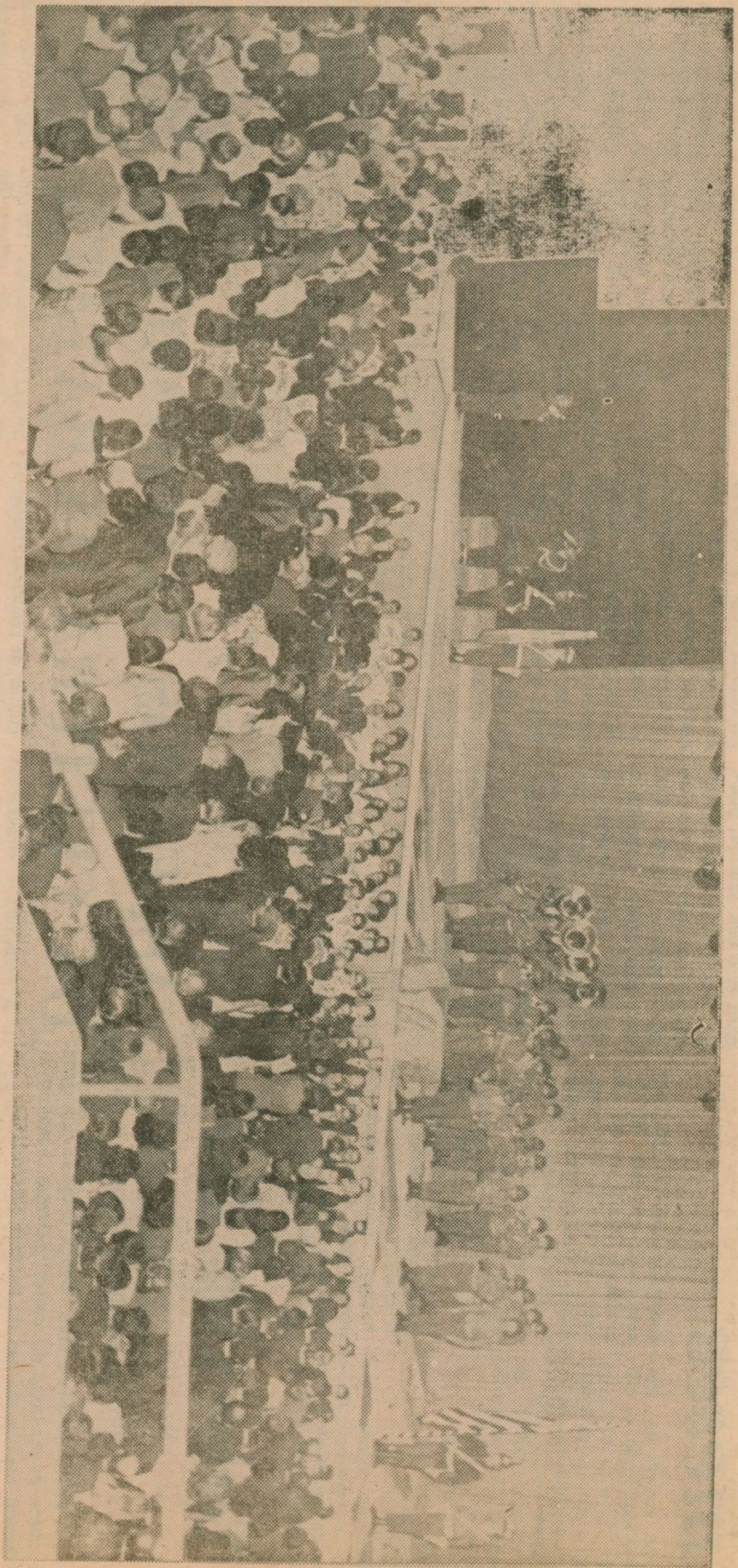
Alta noite, no interior do quarto de Cecília. Esta à janela, contempla o céu calmo e estrelado, enquanto entoa a célebre Balada, com que enaltece o Amor como razão última da existência, sob o influxo dos sentimentos que nutre por Peri. A seguir, Cecília recolhe-se ao leito.

Após alguns minutos, surge do lado de fora da janela a figura traiçoeira de Gonzales, que pula cautelosamente para o interior do quarto da moça, tentando apossar-se dela. Cecília acorda em sobressalto; repele as palavras enganosas e ameaçadoras do aventureiro, que tenta agarrá-la, quando uma flexa entre pela janela do quarto e fere uma das mãos de Gonzales que, com a outra dá um tiro da pistola. Cecília reconhece a flexa de Peri, enquanto surgem D. Álvaro, Rui Bento e Alonso. Cecília procura a proteção de D. Álvaro. Gonzales, furioso, quer arrebatar Cecília dos braços do português. Surge D. Antonio de Mariz, seguido de servos com tochas acesas. O fidalgo exige explicações; Peri surge à janela do quarto e denuncia os intentos de Gonzales. Os portugueses pedem a D. Antonio a punição do traidor quando, de repente, ouvem-se ao longo os ruídos dos aimorés que se aproximam para novo ataque ao castelo. Isto faz todos se unirem novamente, em defesa da causa comum.

Biblioteca Centro de Memória - Unicamp



CMUHE010082



*Na abertura da solenidade, a Banda da Escola Preparatória de Cadetes executou o Hino Nacional.*

CARLOS Gomes revivido na apresentação do Guarani.  
Campinas, 18 mar. 1970.

Diário do Povo,

### ATO III: A libertação

"A Cena se desenrola no acampamento dos aimorés, após um ataque inglório dêste ao Castelo. Vem-se índios preparando novas armas de guerra, mulheres pensando nos feridos, etc. Contudo, Cecília foi capturada.

Surge de sua tenda o temível Cacique dos Aimorés, que promete a desforra e ordena que tragam a sua presença a filha de D. Antônio de Mariz. A sublime beleza de Cecília amaina o Cacique, que chega a oferecer-lhe honras reais. Surge um grupo de aimorés, trazendo Peri capturado. Interrogado pelo Cacique, Peri disse disposto a matá-lo, e tudo o mais fazer, pela salvação de Cecília.

Prepara-se então a cerimônia do sacrifício dos prisioneiros, com danças rituais; o cacique, irônicamente, ordena à Cecília que se incumba de amenizar os último momentos de vida de Peri, segundo o costume selvagem. O Guarani e Cecília estão sós; esta desespera-se com a sorte reservada a Peri, por querer, salvá-la, enquanto êle diz-lhe que pretende envenenar-se, para com isso matar a todos os aimorés, que comerem de sua carne, após o sacrifício.

Voltam os aimorés, e retoma-se a cerimônia ritual. Desolada, Cecília assiste a invocação ao Deus dos Aimorés, feita pela tribo, com o cacique a frente. É quando no auge da exaltação mística, dos índios, estrugem tiros a pouca distância: são os portugueses que surgem sob a chefia de comando de D. Antonio de Mariz e D. Álvaro, e surpreendem os aimorés desprevenidos, libertando assim Ceci e Peri.

### ATO IV: O apogeu

Nêste último combate, contudo, morreram D. Álvaro e muitos portugueses. No subterrâneo do castelo estão reunidos Gonzales e seus aventureiros, voltando a tramar a eliminação de D. Antônio e a tomada do castelo. A idéia de Gonzales, aceita a custo pelos aventureiros, é a de um pacto entre êles e os aimorés, com a preservação da vida de Cecília. Mas D. Antônio a tudo houve, e manda chamar Peri. Êste apresenta a D. Antônio, relatando-lhe que, atendendo à Cecília tomara um antídoto contra o veneno que ingerira para, com êle, matar os índios que devorassem sua carne, estando agora são e salvo. D. Antônio ordena a Peri que fuja para salvar-se ao nôvo ataque que o castelo está para sofrer, agora sem a defesa dos portugueses nem dos aventureiros traidores, o que D. Antônio considera fatal. Peri dispõe-se a fugir, desde que D. Antônio consinta em que êle salve consigo Cecília. O fidalgo hesita em confiar sua filha a um pagão; Peri declara-se pronto a converter-se, ao que D. Antônio o batiza ali mesmo, colocando as mãos sôbre a cabeça do índio e apresentando-lhe o cabo da espada, em forma de cruz. Por sua vez, Peri jura fidelidade perpétua ao Deus Cristão.

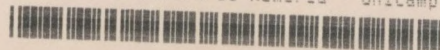
Surge Cecília, agitada com a aproximação dos Aimorés; D. Antônio narra-lhe o que combinou com Peri a seu respeito: os dois poderão salvar-se, fugindo por um tronco de árvore que Peri lançou ao rio, e que só comporta duas pessoas. Cecília não quer abandonar o pai e agarra-se a êle; mas os Aimorés estão muito próximos; D. Antônio ordena a Peri que arranque Cecília de seus braços e a leve de vez; Cecília é então levada, semi-inconsciente, por Peri, no exato momento em que Gonzales e os aventureiros assomam ao subterrâneo do Castelo.

D. Antônio não se rende: atea fogo, com uma tocha de iluminação, aos barris de pólvora que se armazenam no subterrâneo; destrói-se o castelo, sepultando a D. Antônio e aos aventureiros.

Ao longe, numa colina, Cecília e Peri presenciavam a destruição do Castelo. Ceci cai de joelhos, e o Guarani aponta patético para o Céu.

CARLOS Gomes revivido na apresentação do Guarani: amanhã, o desfile.  
Diário do Povo, Campinas, 18 mar. 1970.

Biblioteca Centro de Memoria - Unicamp



CMUHE010084

## Amanhã, o desfile

As comemorações ao centenário da primeira apresentação da ópera "O Guarani", de autoria do insigne maestro campineiro Antônio Carlos Gomes, que foram iniciadas no último domingo, terão prosseguimento amanhã, com a realização do grande desfile cívico comemorativo. A concentração dar-se-á no Largo do Pará, a partir das 19 horas, com o início da parada marcado para as 20 horas. O desfile terá a seguinte ordem: Carro do Corpo de Bombeiros com guarnição; batedores da Guarda Civil; representação de universitários (Escola Superior de Educação Física) e trabalhadores das indústrias da região; Banda Marcial da Escola Preparatória de Cadetes do Exército; Banda Musical do 8.º Batalhão Policial; delegação de 100 alunos da Escola de Cabos e Soldados do 8.º Batalhão Policial da Força Pública do Estado de São Paulo; e Banda Marcial dos Fuzileiros Navais.

O percurso a ser obedecido será o seguinte: Avenida Francisco Glicério, do Largo do Pará até a Avenida Orozimbo Maia, quando haverá então a ordem fora de forma. Segundo as informações, a Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais deverá, durante o itinerário do desfile, realizar empolgantes evoluções, principalmente aquelas que a caracterizaram em apresentações anteriores em vários pontos do país. O desfile, que terá a direção geral do sr. Ary Rodrigues, culminará com um espetáculo pirotécnico no Largo do Rosário.

### CONCENTRAÇÃO

No dia 21 as comemorações terão prosseguimento com a grande concentração defronte ao Monumento Túmulo de Carlos Gomes, junto à Praça Antônio Pompeu. Na oportunidade far-se-ão representar 18 estabelecimentos de ensino oficial além de delegações de colégios particulares e escolas municipais. Abrihantando a homenagem dos estudantes, as fanfarras do Colégio Culto à Ciência e do Instituto de Educação Carlos Gomes estarão dando um espetáculo à parte com a colaboração de um orfeão conjunto de diversos estabelecimentos locais.

Estarão presentes à solenidade o prefeito Orestes Quércia, o prof. Rubem Costa, diretor da Divisão Regional de Educação, e seus assessores, membros da comissão dos festejos do centenário, o secretário da Educação e Cultura da Municipalidade e outras autoridades. As delegações deverão depositar no Monumento Túmulo corbeilles em homenagem ao maestro campineiro, fazendo uso da palavra na ocasião alunos e autoridades presentes.

Carlos Gomes reviveu ontem, na apresentação da ópera «O Guarani» que o consagrou há 100 anos, no Scala de Milão. O público aplaudiu de pé a imortal obra do grande compositor nascido nesta terra. Falava, naquele instante, bem alto, o sentimento de brasilidade, acentuado no povo campineiro.

Era Campinas que se via presente no passado distante, vibrando emocionadamente com o seu Tônico, honra e glória da música mundial. Os acordes do Hino Nacional, procedendo a apresentação, já trazia diante de cada um dos espectadores, a presença daquele que se immortalizou na música.

### SOLENIIDADES

Pouco mais de 19 horas, o Teatro «José de Castro Mendes» já estava dominado pelo público. Procedendo a apresentação operística, a Banda da Escola Preparatória de Cadetes do Exército executou o Hino Nacional, com os pavilhões do Brasil e de São Paulo, empunhados por lanceiros da Força Pública, em trajes de gala. A seguir, usou da

palavra, o prefeito Orestes Quércia que exaltou a figura de Antonio Carlos Gomes, ressaltando que para a comemoração do centenário de «O Guarani», foram escolhidos artistas, na maioria de Campinas, com o objetivo de se prestigiar gente nossa.

No exterior do Teatro a Banda do 8.º Batalhão Policial, com seus componentes em traje de gala, executava composições do maestro campineiro.

### AUTORIDADES

Prestigiaram a abertura das comemorações do centenário da Ópera «O Guarani», as seguintes autoridades: sr. Orlando Zancaner, Secretário do Turismo e representando o Governador do Estado; General Dale Coutinho, comandante da Segunda Região Militar; Coronel Milton Paulo Teixeira Rosa, comandante da Escola Preparatória de Cadetes; vereador Alduino Zancaner, presidente da Câmara Municipal; deputado Marcondes Filho; juiz Manuel Carlos Figueiredo Ferraz Filho, diretor do Fórum; Cônego Valdemiro Caran, representando o Arcebispo Metropolitano, além de todo o secretariado Municipal, em destaque o sr. Eugênio Alati, Secretário da Educação e Cultura e presidente da Comissão Organizadora dos festejos. A tribuna de honra da primeira récita da ópera estava composta por camarotes do Executivo, Legislativo, Forças Armadas, Poder Judiciário e autoridades eclesiásticas.

Antes do início de «O Guarani» foi distribuído aos presentes o roteiro da ópera.

### A ÓPERA

Vivamente aplaudida, inclusive diversas ocasiões em cena, a ópera o Guarani, baseada em romance de José de Alencar, contando com a execução da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, teve como personagens e intérpretes: PERI — César A. D'Otaviano; CECI — Maria Tereza Quintino de Godoi; GONZALES — Luiz Mazzali Filho; CA-CIQUE — J. Tarciso Pieroni Pereira; D. ANTONIO — Rodolfo Camiato; A. ALVARO — Assadur Kulhezian; RUI BENTO — José Serra Neto; ALONSO — Alfredo Perrota. Foi muito aplaudida a participação especial do Coral Lírico do Teatro Municipal de São Paulo, além do Corpo de Baile da Academia Lina Cunha Penteadado, com destaque para o bailarino solista Ruslan Gravinik. Silnei Siqueira foi o diretor de cena, Geraldo Jurgensen o diretor Coreográfico, enquanto que Amadeu Tilli funcionou como assistente da direção da Cena. Colaboraram ainda Henrique de Oliveira Jr., Milton Lopes, Caetano Crepaldi, Joaquim Fortunato e Luiz Langoni, Mária Franco e Marilena Mazzetti, Alberto Capuzzo (costureiro) e Enia Fabene (maquiador).

Digna de nota a cenografia da apresentação de «O Guarani», laborada pelo talento de Geraldo Jurgensen, harmonizando a tradição do espetáculo ao gosto, técnica e cenológica de recursos atuais e modernos.

## DE RIO CLARO: ORAÇÃO DA CATI



**PASSOS E QUÉRCIA** — No monumento túmulo de Carlos Gomes, o deputado Oscar Passos e o Prefeito Orestes Quércia. Um momento singelo e simples mas de muita significação.